

IMPORTÂNCIA DA ESPIRITUALIDADE PARA A FORMAÇÃO TEOLÓGICA¹

UM APORTE TEOLÓGICO-PASTORAL²

Lothar Carlos Hoch³

Resumo: O presente artigo enfatiza que a formação teológica não pode prescindir do estudo e da pesquisa acadêmica e do uso da razão científica. No entanto, para evitar que a teologia permaneça um mero exercício intelectual, a formação teológica precisa contemplar o cultivo da espiritualidade. Ou seja, a boa teologia é devedora tanto à razão (racionalidade da fé), quanto à busca pela mediação da experiência da ação salvífica de Deus na história (mística da fé).

Palavras-chave: Fé e razão. Formação teológica. Teologia pastoral. Espiritualidade.

*The relevance of spirituality for theological education
A theological pastoral contribution*

Abstract: The present paper emphasizes that theological education cannot do without study and academic research and the use of scientific reason. However, to avoid that theology remains a mere intellectual exercise, theological education needs to consider the nurturance of spirituality. In other words, good theology is indebted both to reason (rationality of the faith) and to the search for mediation of the experience of God's saving action in history (mystics of faith).

Keywords: Faith and reason. Theological education. Pastoral theology. Spirituality.

¹ Este artigo foi recebido em 15 de abril de 2009 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer datado de 20 de abril de 2009.

² O que se entende por *Espiritualidade*? No âmbito das Ciências da Religião, espiritualidade é entendida como "um processo de produção simbólica" mediante o qual uma pessoa ou um grupo "se compromete numa relação existencial com uma realidade sagrada" de forma que a sua vivência passe a ser inspirada por esta realidade (cf. DROOGERS, André. *Espiritualidade: o problema da definição*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 23, n. 2, 1983, p. 128). No sentido bíblico-cristão, espiritualidade é o anseio ardente de, mediante a graça de Deus, viver sob o domínio do Espírito Santo (cf. BRANDT, Hermann. *Espiritualidade. Vivência da graça*. 2. ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2006. p. 80s). Contudo, "viver sob o domínio do Espírito Santo, não significa retirar-se do mundo para viver unicamente numa relação vertical com Deus. Pelo contrário, existir perante Deus e existir perante o mundo não são opções que se excluem mutuamente, duas realidades separadas, mas uma relação que se vive necessariamente de forma simultânea" (cf. BETTENHAUSEN, Elizabeth. *Faith is a Matter of Experience*. *Word & World*. Saint Paul/Minnesota, v.1, n.3, 1981, p. 270).

³ Doutor em Teologia, área de Teologia Prática – Aconselhamento Pastoral – pela Universidade de Marburg, Alemanha, e professor titular da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo/RS. lothar@est.edu.br

1. Reflexões críticas acerca da relação entre espiritualidade e a formação teológica

A força e a própria credibilidade da teologia revelam-se em meio ao sofrimento. A teologia é posta à prova como verdade que sustenta o povo de Deus justamente diante da experiência do sofrimento, da cruz e do silêncio de Deus.

Na América Latina, a teologia de matiz protestante é considerada sólida, sendo respeitada no debate com outras igrejas e com outros saberes. Não obstante, permanece incerto se, além do respeito acadêmico, nossa teologia e a nossa pastoral se constituem efetivamente em fonte de alimento e sustento na crise.

Estatísticas mostram que, no Brasil, as igrejas protestantes históricas atingem apenas uma pequena faixa da população. Tratar-se-ia de um problema dogmático? Pastoral? Cultural? Uma combinação desses fatores? Observo que na minha igreja, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, estamos deixando de atingir um maior contingente de pessoas porque falta à nossa teologia o caráter de ser alimento e sustento na crise e na fragilidade. Valeria a pena fazer uma pesquisa para apurar se essa hipótese se confirma também entre outras igrejas da América Latina.

A teologia protestante caracteriza-se pelo seu caráter analítico, ou seja, sua preocupação de *entender e interpretar* o ser humano, a sociedade, a Bíblia. Inquestionavelmente o discernimento teológico e a formação da consciência crítica são funções importantes de qualquer teologia. Isso vale também para o contexto latino-americano, marcado pelo pensamento mágico. Mas a teologia, pela sua própria natureza de ser instrumento do evangelho de Jesus Cristo, precisa estar visceralmente comprometida com a preocupação de ajudar as pessoas a vivenciar a graça e o consolo, como um sentido intrínseco a todo o fazer teológico. A verdade da teologia ensinada precisa se tornar carne, experiência do evangelho encarnado. É necessário que a perspectiva acadêmica e analítica e a dimensão pastoral e espiritual se aproximem e se complementem.⁴

Temos deixado de crescer enquanto igrejas protestantes históricas porque temos negligenciado a cura d'almas, a solidariedade na dor, tanto dos nossos fiéis como também entre as/os nossas/os pastoras/es. Nossa pastoral é marcada por uma prática discursiva, que tem como palco o púlpito e a cátedra (pregação e ensino). O contingente de pessoas que atingimos com essa ênfase unilateral na dimensão acadêmica da teologia é pequeno. A grande maioria do povo latino-americano tem sede da palavra encarnada, da ação solidária que traz consolo e esperança na doença, na morte, no luto, na depressão, na velhice, no desemprego. A evasão de membros que se observa nas igrejas históricas⁵ e a sua crônica fraqueza missionária têm

⁴ Cf. CAMPBELL, Colin. *A Orientalização do Ocidente: Reflexões sobre uma nova Teodiceia para um novo Milênio. Religião e Sociedade*, v. 18, n. 1, 1997, p. 8ss.

⁵ A Igreja Batista parece ser uma honrosa exceção.

como uma de suas causas a incapacidade de fazermos de nossa “boa” teologia uma fonte de amparo na crise e na dor do nosso povo

Estamos desprezando a reflexão teológica, a dogmática e a racionalidade da fé? Desprezamos a pregação e o ensino? De modo algum! O que advogamos é que, pela graça do Espírito Santo e pela nossa própria ação como instrumentos de Deus na edificação da sua igreja, a teologia pastoral possa contribuir para que o saber teológico seja mediador da experiência de graça, do consolo e da orientação na crise. Pois uma teologia ou uma dogmática que não é alimento para a fé e não é sustento para o povo da igreja é estéril. “Um manto que não te dá calor já não é mais um manto”, diz a sabedoria indígena.

Indubitavelmente, a teologia enquanto ciência precisa fazer uso da razão. A pergunta que vem me ocupando de forma crescente é: quanto de racionalidade a teologia precisa para continuar a ser teologia? Ou: o que mais, além da racionalidade, a teologia precisa para permanecer fiel à sua vocação? Que lugar as manifestações menos racionais, como as que se expressam através da fé, da espiritualidade, da adoração e da mística, precisa fazer parte do fazer teológico para que esse não seja um mero exercício intelectual de deleite para os eruditos?

A teologia é um discurso que pressupõe a fé.⁶ Já Anselmo da Cantuária (1033-1109) tinha consciência de que a fé deseja a compreensão (*fides quaerens intellectum*). A teologia aspira compreender a própria fé. A teologia é “a fé apaixonada pelo entendimento de si mesma”.⁷ Segundo Karl Barth, “Anselmo [...] quer *intelligere* porque ele crê”⁸, pois, para ele “*Credere* é a pressuposição do *intelligere*”.⁹

Em um documento recente sobre a formação teológica e perspectiva latino-americana, ASIT/ASTE/CETELA destacam que a qualidade da formação teológica, segundo o exemplo de Jesus,

(a) integra a Palavra inspiradora e transformadora (*Pneuma*) com o discurso normativo (*Logos*); (b) assume a tensão criativa entre a fé do Povo de Deus e a sofisticação do discurso sobre a fé; (c) nutre-se tanto da luta transformadora e do silêncio como da mística; (d) transita entre culturas com racionalidades emergentes e a herança de uma cultura e uma racionalidade dominantes; (e) sabe que “a verdade se faz” e que ela corre sempre o risco de estar “aprisionada na injustiça”.¹⁰

⁶ JOSGRILBERG, Rui de Souza. A fé em busca da teologia. In: MARASCHIN, Jaci (Ed.). **Teologia sob limite**. São Paulo: ASTE, 1992. p. 17.

⁷ GOUVÊA, Ricardo Quadro. Apresentação. In: BARTH, Karl. (*Fides quaerens intellectum*). **Fé em busca de compreensão**. São Paulo: Novo Século, 2000.

⁸ BARTH, 2000, p.28.

⁹ BARTH, 2000, p. 36. Cabe lembrar aqui uma palavra de Agostinho: “Queres compreender? Crê! – Se não tiveres compreendido – crê. O intelecto é o servo da fé. Assim, não queiras compreender para seres capaz de crer. Pelo contrário, crê para que possas compreender, pois ‘se não crerdes, não compreendereis’” (Isaías 7.9). Apud WEINGÄRTNER, Lindolfo (Ed.). **Flores do Jardim de Agostinho**. Curitiba: Encontro, 2005. p. 23.

¹⁰ SERVIÇOS PEDAGÓGICOS E TEOLÓGICOS. **Manifesto por uma educação teológica de qualidade**. Trad. Roberto E. Zwetsch. São Leopoldo: ASIT/ASTE/CETELA, 2009. p. 4.

Qual o sentido último da teologia, mormente o da teologia pastoral? Não seria o de explicitar ou de mediar o evangelho, promover a fé, responder às necessidades e angústias humanas e, em última análise, promover a cura: da alma, do corpo, das relações humanas, da sociedade e da própria natureza?

Não é difícil constatar que, no contexto religioso latino-americano e caribenho da atualidade, coexistem, de um lado, uma teologia excessivamente racionalista que pretende entender o ser humano de forma unilateral com os recursos da razão e, de outro lado, uma teologia e uma prática espiritual excessivamente mágicas. No primeiro campo, estão as teologias das igrejas do protestantismo histórico e uma parte da Igreja Católica Romana marcadas pelo pensamento iluminista e, no segundo campo, estão as religiões afro- e indo-americanas e as igrejas neopentecostais, ainda relativamente intocadas pela racionalidade científica iluminista. Essa circunstância gera um “desequilíbrio dialético”, que afeta negativamente ambos os campos teológicos.

O teólogo brasileiro Milton Schwantes¹¹ chama a atenção para o fato de que, de modo crescente, as pessoas se nutrem de experiências cristãs em diferentes igrejas. Ele cita o exemplo de Lucineide, uma mulher que gosta de participar de estudos bíblicos no meio luterano. “Mas ela também gosta de ir aos templos de Edir Macedo e ter a experiência do êxtase. Ela sente que, sem ir neste culto, ela não consegue superar as suas dificuldades”.¹²

Ora, as curas, como experiências espirituais, são um fenômeno ou um lugar (*topos*) onde se pode perceber a relação intrínseca que existe entre a fé mística e a fé que busca a compreensão. As curas são esse lugar privilegiado justamente porque ali se plasmam as diferentes dimensões antropológicas da existência, as diferentes camadas da nossa textura humana: a racional, a psíquica, a espiritual e a sociocultural.

Quando Lucineide frequenta os estudos bíblicos na igreja luterana, ela quer saber mais sobre a fé; ela é movida pela fé que busca compreender o que ela crê. Quando frequenta o culto pentecostal, ela busca a experiência da cura pela fé. Lucineide está, de um lado, denunciando a estreiteza teológica e a pobreza da pastoral do protestantismo histórico e do dogmatismo católico, que acentuam unilateralmente a razão, e, de outro lado, a superficialidade teológica do neopentecostalismo, que, segundo o receituário da magia, se julga capaz de mediar, de forma imediata, a experiência do sagrado.

¹¹ Fundamentação bíblico-teológica do ecumenismo. In: BAESKE, Sibyla (Org.). **Mulheres desafiam as igrejas cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 75ss.

¹² BAESKE, 2001, p. 75s. Schwantes chega a dizer que “Teológica é a experiência com Deus! Os cânticos, os gritos que saem nesta experiência com Deus, a tentativa de organizar esta experiência, tudo isso é teologia”, BAESKE, 2001, p. 77.

2. Desafios para uma relação adequada entre espiritualidade e aconselhamento e psicologia pastoral

Em um seminário de clínica pastoral que estou ministrando na Faculdade EST, em São Leopoldo, eu costumo incentivar e acompanhar os estudantes a fazer visitas em hospitais ou em outras instituições que abrigam pessoas que sofrem e peço que eles escrevam protocolos/relatórios das visitas que os impactam mais fortemente. Outro dia, um estudante compartilhou no grupo que visitou um homem e, ao se aproximar do leito, perguntou como estava passando, a esposa interveio e disse: “Os nossos dias neste hospital têm sido horríveis. Parece ser um local esquecido por Deus. Quem passa pela rua, do lado de fora, não imagina o que se passa aqui dentro!”.

Esse fato expressa duas facetas importantes, que merecem ser destacadas:

Primeira faceta: essa mulher expressou o que muitas pessoas experimentam na hora da doença, da morte de um ente querido, do luto, da separação conjugal, da depressão, ou seja, o abandono por parte de Deus. E eis que chega um representante da igreja e a mulher dispara: “Assim como Deus está longe, também vocês da igreja estão longe dos hospitais e não podem imaginar o que a gente passa aqui dentro”. De fato, as nossas igrejas costumam se dedicar mais aos assim chamados “membros fiéis”, que participam dos cultos e dos grupos organizados. Ou seja, mantêm o foco da sua atenção pastoral centralizado no templo, enquanto os membros mais afastados ficam em segundo plano. Por isso, a visita pastoral na hora da crise, justamente quando se experimenta a ausência de Deus, é um dos mais importantes desafios pastorais nos dias atuais. Estou convencido de que as igrejas históricas estão perdendo seus membros para outras igrejas justamente porque estão deixando a sós os seus fiéis na hora da dor e da crise. Precisamos desenvolver uma concepção mais dinâmica de aconselhamento pastoral, que não espera as pessoas no templo e na casa pastoral, mas que vá em busca delas ali onde elas se encontram.

A segunda faceta que eu gostaria de destacar a partir da visita ao hospital acima mencionada é que a doença e o sofrimento levantam dúvidas e questionamentos relacionados com diferentes áreas da vida. No leito da enfermidade, as pessoas são obrigadas a parar, têm tempo para refletir e se confrontar consigo mesmas e com a fragilidade humana. Isso pode suscitar o protesto contra Deus, mas pode igualmente levar a pessoa à autocrítica, a fazer um balanço da sua vida e se dar conta de que não cuidou suficientemente da sua saúde, que negligenciou a sua vida familiar, enfim, pode chegar à conclusão de que precisa dar mais atenção à espiritualidade e cultivar a sua relação com Deus. Em todo caso, o sofrimento quase sempre representa um desafio para a fé e levanta questões centrais relacionadas com a espiritualidade. Portanto, se nós, diante de uma tal situação, deixarmos de lado a espiritualidade, estaremos omitindo a própria natureza específica do aconselhamento e empobrecendo a nossa atuação pastoral.

Muitos de nós temos aprendido com Carl Rogers, Howard Clinebell e outros mestres que, no aconselhamento pastoral e psicológico, devemos centrar nossa atenção no paciente. Para nós, aconselhadores cristãos, abertos a aprender com a psicologia, a psicoterapia e a psicanálise, isso tem duas implicações importantes:

Primeira: Em nossa ação terapêutica e pastoral, devemos ser sensíveis a todas as necessidades da pessoa, tanto físicas, psicológicas, materiais e culturais e, especialmente, as necessidades espirituais. Essa sensibilidade especial para a espiritualidade, contudo, não nos autoriza a querer impor as questões de fé sobre as pessoas e, muito menos, a nossa forma particular de crer. Assim sendo, nós não usamos expressões como “eu ordeno”, “eu determino” que aconteça esse ou aquele milagre. Não nos cabe extrapolar a nossa autoridade pastoral e pretender manipular a vontade de Deus para conseguir fins imediatos. Nós nos entendemos como servos de Jesus Cristo e nos colocamos, de forma humilde, a seu serviço, ora para o consolo, ora para a admoestação, ora para a cura. Mas, às vezes, não nos é proporcionada a graça de poder animar, consolar e curar, então nos resta a mais sublime de todas as nossas ações, qual seja, a de suportar com paciência a fragilidade do outro, sem achar que temos que oferecer uma solução para tudo. O genuíno aconselhamento pastoral dá-se sob o signo da cruz. Aconselhamento pastoral sob o signo da cruz é o exercício da solidariedade na fraqueza. Aconselhamento cristão é o ato de permanecer ao lado do outro na mais profunda escuridão, sem apelar para soluções mágicas, mas trazer perante Deus tanto a dor e a fraqueza do outro quanto a minha própria impotência.

Na capela da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, atrás da mesa eucarística, há um singelo quadro que apresenta duas pessoas: uma que acolhe a outra, com um braço envolto em torno da mesma, e o outro braço apontando para uma singela cruz que se encontra atrás do altar. O que eu enxergo nesse quadro é o seguinte: por mais importante que seja, que eu saiba acolher uma pessoa em seu sofrimento e que eu saiba ouvi-la em profundidade, jamais devo me entender como sendo o sujeito da cura ou da solução do seu problema. Cabe-me apontar para além de mim mesmo, para Cristo, o bom pastor. Em outras palavras, o aconselhamento cristão dá-se em três níveis: o primeiro é o nível do próprio paciente, que precisa fazer a sua parte, sem delegar ao pastor ou ao psicoterapeuta a responsabilidade que lhe cabe em seu processo de cura; o segundo é o nível do conselheiro pastoral como facilitador do processo; e o terceiro é nível da ação da graça divina, respectivamente do próprio Espírito Santo, fonte de todo consolo, o autor e consumidor de toda boa obra.

Segunda: O sofrimento e a doença suscitam, quase que ao natural, questões existenciais, como, por exemplo, a pergunta por que Deus permite que as pessoas tenham que sofrer, especialmente em casos de morte por acidentes ou de nascimento de uma criança com deficiência física ou mental. A doença também pode vir associada à pergunta pela culpa, ou seja, em que medida eu mesmo sou responsável pelo sofrimento que estou passando. A culpa frequentemente também está pre-

sente em casos de separação conjugal, em que uma das partes se dá conta de que, durante anos, tratou mal o seu parceiro de vida e, agora, descobre que é tarde demais para voltar atrás. Assim sendo, estou convencido de que, se soubermos ouvir atentamente o que está no coração das pessoas com quem falamos, não precisaremos introduzir artificialmente as questões relativas à espiritualidade. Elas estão presentes de forma latente na grande maioria das situações de sofrimento e de conflito com as quais lidamos, seja no consultório, seja no exercício do pastorado, ou até mesmo no diálogo com nossos amigos mais próximos.

Para muitos de nós, a psicologia profunda tem sido uma ciência muito importante tanto para o autoconhecimento pessoal quanto para a nossa prática de aconselhamento. Somos devedores à psicologia também na descoberta dos fatores inconscientes que regem o nosso comportamento, inclusive a nossa forma de crer em Deus. Por outro lado, não há como negar que alguns dos pais da psicanálise, ao enfatizarem excessivamente os fatores biográficos e compulsivos do comportamento humano, deixaram de considerar a dimensão da religiosidade como componente intrínseco da natureza e do agir humanos. Desse modo, deixaram de reconhecer no assim chamado “fator fé” um ingrediente importante para a saúde integral da pessoa.

Por isso é bom que, no seio da própria igreja, esteja se redescobrimdo o “lugar do sagrado na terapia”. Essa convicção está expressa no título do livro de Carlos José Hernandez, em cujo prefácio se afirma que a fé ilumina a prática psiquiátrica, pois “o paciente não só procura ser curado como também (ser) salvo”¹³. Para Hernandez, “o sagrado contém os símbolos primordiais, tais como a redenção, reconciliação, ressurreição, através dos quais o sofrimento é desligado do sentido ou, até mesmo, do demônio”.¹⁴ Ou seja, tratar das questões da fé e da espiritualidade conforme o testemunho das Sagradas Escrituras têm tudo a ver com a própria natureza do ser humano, tanto na sua fraqueza e perversidade, quanto na grandeza dos seus ideais e no seu profundo anseio por plenitude e paz.

Considero significativo o fato do psicanalista Carl Gustav Jung, na maturidade da sua vida – talvez num gesto de reintegração da herança espiritual que recebeu como filho de um pastor protestante suíço –, ter observado que “dentre todos os meus pacientes na segunda metade da sua vida não há um só cujo problema, em última análise, não fosse o de encontrar uma perspectiva religiosa da vida”.¹⁵ Por isso sou de opinião que a psicologia profunda não é profunda enquanto deixar de considerar que o ser humano é, por natureza, um *homo religiosus*, do qual Santo

¹³ Cf. PADILHA, René. Prefácio. In: HERNANDEZ, Carlos José. *O lugar do sagrado na terapia*. São Paulo: Nascente/CPPC, 1986.

¹⁴ HERNANDES, 1986, p. 69.

¹⁵ Eu já destaquei esse ponto em meu artigo “A crise pessoal e sua dinâmica”. In: SANTOS, Hugo (Ed). *Dimensões do cuidado e Aconselhamento Pastoral. Contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 143-154.

Agostinho diz: “[...] porque, tu Señor, nos has hecho para ti y nuestro corazón esta inquieto hasta que descanse em ti”.¹⁶

3. Síntese e conclusão

Dissemos acima que a boa teologia é devedora tanto à razão (racionalidade da fé), quanto à mediação da experiência da ação salvífica de Deus na história (mística da fé). Digo isso na consciência de que o Espírito de Deus não pode ser manipulado para agir quando nós o queremos, mas é soberano para agir onde e quando lhe aprouver. Manifestamos também a nossa compreensão de que a teologia pastoral seja o ponto de encontro entre a racionalidade da fé e a mística da fé, porque entendo que cabe à teologia pastoral, de forma especial, a busca apaixonada pelo entendimento do sujeito da pastoral, o pastor ou a pastora, as suas necessidades e contribuir para que ele/ela receba uma formação adequada para o desempenho de sua função. Cabe igualmente à teologia pastoral ajudar o pastor e a própria igreja a entender os seus fiéis, as suas dores, as suas necessidades e os seus anseios.

Nesse ponto concordo plenamente com Daniel Schipani, quando introduz o paradigma da sabedoria como chave para a compreensão do aconselhamento pastoral. E, segundo ele, para ser iniciado nesse caminho, tanto o estudante de teologia quanto o pastor ou o conselheiro pastoral e psicológico cristão precisam abrir-se, já no período de sua formação,

para a presença de Deus e a graça divina; a adotar a história e a fé bíblicas; a compreender o significado do louvor; a valorizar o papel da história, do símbolo, e do ritual; e aprender as práticas e as disciplinas da oração, da confissão e do arrependimento.¹⁷

Penso ser este o momento oportuno para esclarecer o que entendo por “mística”, pois venho utilizando esse conceito ao longo do texto. O termo “mística” provém do verbo grego “*myein*” e significa “fechar os olhos” e/ou “fechar a boca”. No âmbito da tradição monástica, a mística é associada à experiência que resulta do ato de “retirar-se”, visando “ficar sozinho”, “entrar em sintonia com a vida interior” e “colocar-se na presença de Deus”. A partir dos séculos 18 e 19, o conceito adquire relevância no Ocidente no contexto da pergunta pela relação entre as categorias da experiência emocional e da interpretação cognitiva.¹⁸ A teologia pro-

¹⁶ AGOSTINHO. **Las Confesiones**. Tomo II, p. 83.

¹⁷ SCHIPANI, Daniel. **O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p.79ss. Sobre a importância dos ritos da imposição de mãos, da bênção e da eucaristia, cf. o meu artigo “A função terapêutica dos ritos crepusculares”. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 38, n. 1, 1998, p. 63-73.

¹⁸ Cf. o verbete “Mystik”. In: **Religion in Geschichte und Gegenwart** – RGG, v. 5, col.1651s. “O silêncio é um jejum de palavras, é uma renúncia que objetiva esvaziar-se para dar espaço ao Deus que vem, pela sua Palavra, ao nosso encontro” (autor desconhecido).

testante está voltando a se dar conta de que um dos acontecimentos centrais que desencadearam a Reforma foi uma experiência mística vivida pelo jovem Lutero.¹⁹

Estou convicto de que a igreja de Jesus Cristo do Ocidente seria abundantemente abençoada se ela se recordasse das suas origens orientais e voltasse a integrar em sua teologia, em sua pastoral e na formação teológica dos seus pastores a riqueza da espiritualidade mística²⁰. Participar de retiros espirituais, exercitar-se na prática da meditação silenciosa e da contemplação, ler a Escritura para a própria edificação pessoal, jejuar e confessar-se são algumas das práticas essenciais para que possamos ter contato com o nosso mundo interior e para cultivar a nossa relação pessoal com Deus. Fechar os olhos e a boca, como recomenda a mística, e entrar em sintonia consigo mesmo, e, na presença de Deus, ousar entrar em contato com o nosso homem e com a nossa mulher interior são práticas que, pela falta de hábito, podem até nos causar medo, mas, à medida que as exercitarmos, sozinhos ou em comunhão, descobriremos a sua riqueza e a bênção que nelas existe. Enquanto nós mesmos não tivermos uma vivência prática de espiritualidade, dificilmente seremos capazes de responder adequadamente à necessidade espiritual das pessoas que nos procuram ou que nos são confiadas. Em outras palavras, enquanto não tivermos a coragem de aprender a ouvir a nós mesmos e de auscultar as nossas próprias entranhas²¹, seremos incapazes de ouvir o que se passa na alma das pessoas com as quais lidamos.

Uma formação teológica que negligencia o acompanhamento e o cuidado pessoal dos estudantes durante o estudo e, mais tarde, dos ministros da Palavra está negligenciando a ferramenta por excelência que Deus usa para a propagação do evangelho. É um equívoco achar que os fiéis atentam principalmente para palavra que o/a pastor/a proclama. A experiência mostra que os fiéis prestam mais atenção para o sujeito que proclama a Palavra, já que é justamente essa pessoa que dá credibilidade à mensagem proclamada. Trabalhar com os estudantes e com os ministros do evangelho apenas em nível do conhecimento intelectual e descuidar da formação da personalidade, do amadurecimento ético e espiritual dos mesmos, constitui-se em irresponsabilidade grave. Mesmo estando cientes disso, parece que não temos sabido lidar com essa questão de maneira satisfatória em nossas igrejas e em nossos centros de formação. O resultado é o número crescente de pastores e pastoras, sacerdotes, religiosas e mesmo pessoas da hierarquia eclesiástica que se tornam motivo de tropeço para os fiéis.

¹⁹ Cf. ZIMMERLING, Peter. Sonne in einem stillen Wasse. Mystik und Protestantismus – eine schwierige Beziehung, **Zeitzeichen**. Evangelische Kommentare zu Religion und Gesellschaft, Hannover, v. 10, n. 1, 2009, p. 20.

²⁰ Cf. TAMCKE, Martin. **Achsamkeit in jedem Atemzug. Einführung in die ostkirchliche Spiritualität**. Kevelaer: Lahn, 2007. p. 10s. Ele nos recorda que a tradição cristã oriental jamais fez uma distinção radical entre a teologia e a mística, respectivamente, entre a proclamação dos dogmas da igreja e a experiência pessoal dos mistérios divinos.

²¹ No grego: σπλανχνα, ou seja, as “vísceras”.

O que estamos propondo é encarar o desafio de “buscar uma teologia mais espiritual e uma espiritualidade mais teológica”, como preconiza James Houston.²² Por outro lado, mesmo concordando com Ricardo Barbosa no sentido de que, “o mundo, na virada do milênio, tornou-se mais espiritual, mais aberto ao mistério, mais psicológico, íntimo, emocional”, não podemos cair no extremo de postular que o tribunal que julga as questões humanas seja “o tribunal das emoções” e que a verdade seja “determinada mais pelo sentimento do que pela lógica da razão”.²³ Pelo contrário, o que preconizamos é uma teologia como ponto de intersecção entre a racionalidade da fé e a mística da fé, entre uma teologia que reflete sobre o objeto da fé e uma teologia que leva a/o teólogo/a a se curvar em oração e devoção perante o Mistério que a envolve.

Outro dia, caiu-me nas mãos um texto de Jorge Larossa, que fala da “destruição da experiência”²⁴, onde ele critica a sociedade de informação que apregoa que o conhecimento se dá pela via da informação, “como se aprender não fosse outra coisa que adquirir e processar informação” e que o sujeito moderno é um consumidor voraz e insaciável de notícias e novidades, que o tornam incapaz do silêncio. Sem silêncio não há experiência. Fazendo referência a Heidegger, Jorge Larossa nos lembra que “fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma”²⁵.

Fazendo uma relação com a formação teológica e a formação do/a pastor/a, que é o objeto desta reflexão, precisamos admitir que, em nossos centros de formação, na ânsia de estarmos sempre informados e atualizados teologicamente, corremos o risco de ler superficialmente, opinar sobre muitos assuntos, não parar para meditar sobre o que lemos, não nos expor ao que lemos e, por isso, não oportunizar um real encontro e uma experiência interior com o texto teológico no que ele tem de sagrado e de interpelador da nossa existência.

No tocante a nós teólogos/as, precisamos nos perguntar se, no afã de afirmar a cientificidade da teologia e as nossas próprias virtudes acadêmicas, não estamos, de forma subjacente, dando à teologia mais uma plumagem de erudição do que um rosto de sabedoria. Precisamos perguntar também se não estamos nos entendendo mais como professores e professoras que ensinam teologia do que mestres que, com o seu exemplo de vida e com a sua vivência pessoal com a palavra de Deus, inspiram as

²² HOUSTON, James. **A fome da alma**. São Paulo: Abba, 2000, apud BARBOSA, Ricardo. *Espiritualidade e Espiritualidades. Espiritualidade, Cidadania e Ética*. Recife, ano III, n. 3, dezembro 2001. Ricardo Barbosa chama atenção para o fato de muitos estudantes procurarem um centro de formação teológica motivados por um profundo amor a Deus e o desejo de servi-lo e, não raro, após alguns anos de estudo, saírem “orando menos, afetivamente mais atrofiados e mais limitados relacionalmente”, p.12s.

²³ BARBOSA, 2001, p. 19.

²⁴ LAROSSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 153ss.

²⁵ LAROSSA, 2004, p.162.

pessoas com quem convivemos em sala de aula e fora dela. Pois, como bem lembra João Batista Libânio, a teologia tem uma tríplice dimensão que a torna uma ciência *sui generis*: além de ser “fé que busca inteligência”, como dizia Anselmo, a teologia “se estende para a fé-experiência e para a fé-prática”.²⁶

Os escolásticos ensinavam que “não há nada no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos” (*nihil in intellectu quod prior non fuerit in sensibus*). Então, quer tenhamos consciência disso ou não, a nossa teologia sempre será fortemente influenciada pela emotividade, pela forma afetiva e carinhosa com que a nossa mãe ou o nosso pai rezou conosco na hora de nos deitar na cama à noite, pela profunda impressão espiritual que a luz das velas do pinheirinho de Natal e as músicas cantadas nessa ocasião deixaram impressas em nossa alma.

Num retrospecto autocrítico de sua trajetória acadêmica, Leonardo Boff²⁷ reconhece hoje que “as pessoas querem experimentar Deus. Estão fatigadas de ouvir catequeses, de escutar autoridades religiosas falarem sobre Deus e dos teólogos atualizarem as doutrinas da tradição. Testemunhamos hoje a experiência de Jó, que se queixava: *Falei de coisas, que não entendia, de maravilhas que ultrapassam a minha compreensão. Conhecia-te, ó Deus, só de ouvido; mas agora viram-te meus olhos* (Jó 42.3-5)” .

Concluo com uma palavra de Lao Tse, plena de sabedoria e de inspiração divina: “Você está procurando o mais alto? Quer atingir o mais elevado? Desça a vista, porque o alto descansa no mais profundo”.

Referências

- BAESKE, Sibyla (Org.). **Mulheres desafiam as igrejas cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BARBOSA, Ricardo. Espiritualidade e Espiritualidades. **Espiritualidade, Cidadania e Ética**. Recife, ano III, n. 3, dezembro 2001.
- BETTENHAUSEN, Elizabeth. Faith is a Matter of Experience. **Word & World**. Saint Paul/Minnesota, v.1, n. 3, 1981, p. 262-271.
- BETZ, Hansdieter (Ed.). *Mystik*. In: **Religion in Geschichte und Gegenwart**. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2002. v. 5, coluna 1651s.
- BRANDT, Hermann. **Espiritualidade. Vivência da graça**. 2. ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2006.
- CAMPBELL, Colin. A Orientalização do Ocidente: Reflexões sobre uma nova Teodiceia para um novo Milênio. **Religião e Sociedade**, v. 18, n. 1, 1997, p. 5-22.

²⁶ O lugar da teologia na sociedade e na universidade do século XXI. In: NEUTZLING, Inácio (Org.). **A teologia na universidade contemporânea**. São Leopoldo: UNISINOS, 2005. p. 17.

²⁷ Apud STRECK, Danilo; WACHS, Manfredo. Educação Cristã. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 2005. p. 263s.

- DROOGERS, André. Espiritualidade: o problema da definição. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 23, n. 2, 1983, p. 11-128.
- GELDER, Katrin. **Glaube und Erfahrung**. Eine kritische Auseinandersetzung mit Gerhard Ebelings "Dogmatik des christlichen Glaubens". Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1992.
- HERNANDEZ, Carlos José. **O Lugar do Sagrado na Terapia**. São Paulo: Nascente/CPPC, 1986.
- HOCH, Lothar Carlos. Espiritualidade e personalidade. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 23, n. 2, 1983, p. 154-163.
- _____. A função terapêutica dos ritos crepusculares. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 38, n. 1, 1998, p. 63-73.
- _____. A crise pessoal e sua dinâmica. In: SANTOS, Hugo (Ed). **Dimensões do cuidado e Aconselhamento Pastoral. Contribuições a partir da América Latina e Caribe**. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 143-154.
- JOSGRILBERG, Rui de Souza. A fé em busca da teologia. In: MARASCHIN, Jaci (Ed.). **Teologia sob limite**. São Paulo: ASTE, 1992.
- JOSUTTIS, Manfred. **Segenskräfte. Potentiale einer energetischen Seelsorge**. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2000.
- LAROSSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LIBÂNIO, João Batista. O lugar da teologia na sociedade e na universidade do século XXI. In: NEUTZLING, Inácio (Org.). **A teologia na universidade contemporânea**. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.
- SCHIPANI, Daniel. **O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SERVIÇOS PEDAGÓGICOS E TEOLÓGICOS. **Manifesto por uma educação teológica de qualidade**. Trad. Roberto E. Zwetsch. São Leopoldo: ASIT/ASTE/CETELA, 2009. 12p.
- STRECK, Danilo; WACHS, Manfredo. Educação Cristã. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 2005. p. 245-267.
- TAMCKE, Martin. **Achsamkeit in jedem Atemzug. Einführung in die ostkirchliche Spiritualität**. Kevelaer: Lahn, 2007. 126 p.
- ZIMMERLING, Peter. Sonne in einem stillen Wasse. Mystik und Protestantismus – eine schwierige Beziehung. **Zeitzeichen**. Evangelische Kommentare zu Religion und Gesellschaft, Hannover, v. 10, n. 1, 2009, p. 19-21.
- VEGA, Angel Custodio (Ed.). **Obras de Santo Agostinho**. 3. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1955. Tomo II, p. 83.
- WEINGÄRTNER, Lindolfo (Ed.). **Flores do Jardim de Agostinho**. Curitiba: Encontro, 2005.